

**EM TELA UM ESTUDO DO MESTRE FRANCISCANO
SÃO BOAVENTURA DE BAGNOREGIO:
‘OS TRÊS CAMINHOS DA VIDA ESPIRITUAL, OU INCÊNDIO DO AMOR’**

Conceição Solange Bution Perin¹

Este trabalho aborda algumas das principais questões apresentadas por São Boaventura de Bagnoregio (1217-1274), dentro da Universidade de Paris, sobre o uso da inteligência para a devida compreensão dos Ensinamentos de Deus. Para tanto, nos ateremos à obra *Os três caminhos da vida espiritual, ou incêndio do amor*, escrita na segunda metade do século XIII, na qual esse autor trata algumas vias de aproximação com Deus, quais sejam: a meditação; a oração; a contemplação. Analisaremos, por meio dessa obra e de outros autores que trataram desse período e do autor em tela, os três caminhos (a meditação, a oração e a contemplação) entendidos por ele como via de aproximação do Criador, mediados pelo desenvolvimento do intelecto. Para Boaventura a inteligência era essencial para os homens poderem interpretar, entender e obedecer com precisão as palavras deixadas por Deus como ensinamentos sagrados e, assim, um dia, voltar ao Criador, ou seja, conseguir a vida eterna.

Como premissa, devemos compreender que Boaventura foi um franciscano que se preocupou com os estudos e que sua formação, na Universidade de Paris, atingiu, no ano de 1254, o auge da carreira universitária: recebeu o título de *magister* (mestre). Desse modo, a sua preocupação com o desenvolvimento do intelecto se explica, pois, para ele, era somente por meio dos estudos e da compreensão das palavras que o indivíduo conseguiria entender os ensinamentos deixados por Deus aos homens na terra.

Assim, Boaventura é considerado por vários autores um intelectual da Idade Média e um dos maiores representantes de São Francisco de Assis. Ele foi, sem dúvida, um seguidor da ordem franciscana, mas, ao mesmo tempo, representou um outro período do franciscanismo, no qual Boaventura colocou na ordem do dia a necessidade dos indivíduos terem um lugar para o estudo e a possibilidade de meditar, orar e contemplar com paz e tranquilidade.

A importância do desenvolvimento da inteligência, visada por Boaventura, e, também, por vários outros autores antecessores e contemporâneos a ele, foi tema de vários estudos sobre o papel dos intelectuais nas universidades medievais e sobre o papel primordial que

¹ Doutoranda PPE/UEM – bolsista – Fundação Araucária. E-mail: sol_perin@yahoo.com.br
Orientadora: Terezinha Oliveira/DFE/PPE/UEM
e-mail: teleoliv@gmail.com

esses homens cumpriram perante a sociedade, com os debates que tratavam das dúvidas relacionadas com os ensinamentos postos pela Igreja como verdade.

Para Le Goff, o século XII, vislumbrou o surgimento dos intelectuais da Idade Média que, aos poucos, ganharam destaque, principalmente perante a classe nobre, pois, os filhos dos nobres eram enviados para as escolas dos Palácios, nas quais tinham uma instrução rigorosa e privilegiada, enquanto os filhos dos servos recebiam o mínimo de ensino.

Se, por um lado melhorou a cultura dos filhos dos nobres, educados na escola do Palácio, dos futuros clérigos, educados em alguns grandes centros monásticos ou episcopais, por outro lado, quase pôs fim aos restos de ensino rudimentar que os mosteiros merovíngios espalhavam pelas crianças dos campos vizinhos (LE GOFF, p.13).

Segundo Le Goff, esses mestres, gradativamente, trouxeram outro tipo de instrução para a sociedade. Eles apresentaram um novo pensamento para o período, pois, fizeram uma nova reflexão sobre o pensamento antigo, colocando em dúvida algumas afirmações perpassadas há séculos como, por exemplo, a importância de questionar o que não se entendia, de compreender o mundo como criação divina, mas, com possibilidade de entender a função das coisas criadas por Deus.

A necessidade de compreensão do mundo e da própria existência humana fez com que algumas cidades se tornassem centros de discussões, realizadas pelos intelectuais e, com isso, estudantes de vários lugares que procuravam os ensinamentos dos mestres se estabeleciam nelas e participavam dos grandes debates provocados por esses homens.

Le Goff assevera que o intelectual da Idade Média, paulatinamente, substituiu, pela admiração, os cavaleiros medievais. Os cavaleiros, segundo Le Goff, eram homens que se destacavam perante a sociedade pela sua coragem, valentia e audácia, mas, com o tempo, essa admiração social foi transferida para os sábios, os homens que refletiam sobre todas as coisas e que conseguiam com seus discursos encantar e fazer pensar toda uma população.

Para o intelectual urbano, os combates do espírito, os torneios da dialética substituíram, em dignidade, os feitos de armas e as façanhas guerreiras [...] É talvez num domínio particularmente interessante para a sociologia que melhor se exprimiu o antagonismo entre o nobre-soldado e o intelectual-novo-estilo: as relações entre os sexos. No fundo do famoso debate entre o Clérigo e o Cavaleiro, que tantos poemas inspirou, está a rivalidade de dois grupos sociais perante a mulher. Os goliardos pensam não poder encontrar melhor argumento para a defesa da sua superioridade face aos feudais do que gabarem-se do favor de que gozam junto das mulheres. <<Elas preferem-nos. O clérigo faz amor melhor do que o cavaleiro>>. Nesta afirmação deve o sociólogo entrever a expressão privilegiada duma luta de grupos sociais (LE GOFF,p.37).

Nesse período, o mundo presenciou o início do embate entre a audácia e a sabedoria, pois, os cavaleiros e os intelectuais representaram, por longa data, a luta de dois períodos divergentes, onde cada qual procurava resistir aos seus encantos e conhecimentos. Contudo, o desenvolvimento do comércio e das cidades fortaleceu ainda mais a necessidade de pensar e refletir para poder comercializar.

Com isso, podemos dizer que o contexto do final do século XIII já apresentava maior desenvolvimento do comércio e de proximidade das pessoas nas cidades. Portanto, as prioridades sociais se embasam com maior intensidade em conhecimentos que favorecessem a compreensão de mundo e das coisas que o compunham.

São Boaventura, nesse momento de transição, final do século XIII, marcou expressivamente o seu pensamento, pois, questionou as mudanças que estavam acontecendo com a educação social e asseverou que os homens poderiam buscar novos conhecimentos, além daqueles que já tinham. Deveriam conhecer o mundo por meio da ciência, porém, deveriam entender que a ciência só se tornava verdadeiramente compreensível quando analisada sob o entendimento da fé, mas, para isso, era preciso o homem desenvolver a sua inteligência. O uso da inteligência, segundo esse autor, levaria os indivíduos a, também, compreenderem as três formas representadas pela Trindade em todas as ciências.

[...] Todas as ciências trazem em si a marca da Trindade, mas, de todas, a que melhor a conserva é a que se aprende na Sagrada Escritura. Dela disse o sábio, que foi por três formas ensinadas, por causa dos três sentidos espirituais que encerra: o moral, o alegórico e o analógico (ou místico), os quais correspondem aos três atos hierárquicos da vida espiritual: a purificação, a iluminação e a perfeição. A purificação produz a paz, a iluminação conduz à verdade e a perfeição realiza a caridade (BOAVENTURA, Os três caminhos.... prólogo, p.235).

Para Boaventura, os três atos correspondiam ao fundamento da ciência que revelava a Sagrada Escritura porque quando bem praticados levavam à vida eterna. Conforme esse autor, as palavras da Sagrada Escritura eram de vida eterna e quando bem interpretadas levavam a uma reflexão dos ensinamentos. Assim, quando Boaventura se referia a purificação, a iluminação e a perfeição mostrava que, por meio das palavras da Bíblia, o indivíduo, quando desenvolvida a inteligência, entenderia que a realização desses três atos seria pelo exercício da meditação, da oração e da contemplação.

A meditação, para Boaventura, poderia ser compreendida de acordo com as faculdades que exerciam os três atos, sejam eles: o estímulo da consciência; a luz da inteligência; o calor da sabedoria. Essas faculdades humanas favoreciam a meditação, ou seja, para a meditação

era necessário que houvesse o estímulo da consciência para a purificação, a iluminação da inteligência e o calor da sabedoria. Com isso, era possível acontecer a meditação, pois, a alma estava se purificada, iluminada e aquecida.

Começamos por examinar o que é meditação. Saibamos que existem em nosso espírito três faculdades pelas quais se exercem aqueles três atos da vida espiritual: o estímulo da consciência, a luz da inteligência e o calor da sabedoria. Portanto, quem quiser se purificar dirija contra si o acúleo da consciência; quem precisar de se iluminar, recorra à luz da inteligência; e quem desejar tornar-se perfeito, aqueça-se ao calor da sabedoria (BOAVENTURA, *Os três caminhos....cap.I § 2, p. 235*).

O incentivo da consciência era o primeiro que deveria ser suscitado, aguçado e retificado porque, ao suscitá-lo, o indivíduo estava recordando os pecados cometidos: ao aguçá-lo faria um exame da consciência sobre os pecados e, ao retificá-lo, levaria a considerar somente o bem.

A iluminação da inteligência vinha depois da purificação, pois, para Boaventura “Depois do exercício da purificação, seguem-se os de iluminação da alma, para que é mister recorrer à luz da inteligência” (BOAVENTURA, *Os três caminhos..., cap. I §2, p.238*). Essa luz recorreria aos pecados já perdoados e a luz da inteligência cairia sobre os pecados que Deus havia perdoado, porque, para Boaventura, se o Criador não interviesse sobre as ações humanas, os pecados seriam bem maiores.

Assim, após essa compreensão haveria uma calorosa gratidão pela intervenção de Deus, que era o calor da sabedoria. A sapiência denotava o amor a Deus e aos santos pelos cuidados que eles tinham com os seres humanos na terra e ao entender que esse amor só era dedicado pela abstração, pois se amava o que não se via.

Os ensinamentos de Boaventura expressavam que havia algumas maneiras de se aproximar do caminho eterno. Para isso, era preciso que corpo e alma estivessem em sintonia, pois a alma representava a pureza e a inocência e por ser inocente, muitas vezes, caía na tentação do corpo. Logo, o intelecto representava a inteligência do homem em reconhecer o que Deus colocou como certo e errado para suas ações e comportamentos.

De acordo com o autor, o certo seria o indivíduo seguir os mandamentos deixados por Deus e vividos por seu Filho, Jesus, na terra. O incorreto seria o homem cair nas tentações do mal e levar a alma a aceitar esses comportamentos. Boaventura define corpo e alma da seguinte maneira,

Acerca do homem, em sua totalidade, colocado no paraíso, deve-se admitir o seguinte: Ele foi dotado de um duplo sentido, o interior e o exterior, o da mente e o da carne. Foi dotado de duplo movimento: o imperativo na vontade e o executivo no corpo. – Foi-lhe concedido um duplo bem: um visível, e outro invisível. – Foi-lhe imposto um duplo preceito: um natural, e outro disciplinar – o preceito natural: *Crescei e multiplicai-vos*; o disciplinar: *Não comerás da árvore da ciência do bem e do mal*. – Com isto foi-lhe dado um auxílio quádruplo; o da ciência, o da consciência, o da sindérese e o da graça, com os quais contava com o suficiente para manter-se e progredir no bem e preservar-se do mal e evitá-lo (BOAVENTURA, *Bevilóquio*, II Parte, cap.XI, § 1, p. 47-48).

A análise de Boaventura era que Deus deu aos homens dois sentidos, o da mente e o do corpo. Esses dois sentidos deveriam ser uma combinação pela qual corpo e mente se integravam para chegarem a ação, um pensando e outro agindo.

Corpo e mente, quando unificados num mesmo direcionamento, conheceriam o mundo sensível que para Boaventura, era o mundo exterior que o indivíduo poderia conhecer somente pela ciência do *Livro da Sabedoria*, deixada por Deus. Nesse caso, o homem era considerado a criação mais perfeita de Deus, pois, somente o ser humano tinha condições de ter o discernimento de todas as criações do Divino por meio do intelecto.

Desse modo, como forma de intervenção a Deus, cumpria-se a necessidade da oração, ao analisar que era por meio da oração que a alma pedia misericórdia pelos atos do corpo. Boaventura explicava a oração por três partes que ele também chamava de graduações: “[...] *pela primeira se deplora a própria miséria; pela segunda se implora a misericórdia; e pela terceira se adora a Deus com o culto de latria*” (BOAVENTURA, *Os três caminhos...cap. II, §1, p. 242*).

A deploração da miséria deveria se compor de três elementos: dor; vergonha; temor. A dor pelo dano que cometeu: a vergonha da alma ter se distanciado de Deus pelos atos do corpo e o temor do futuro, pelo que Deus poderia julgar pelas ações cometidas e não favorecer a volta da sua criação ao seu Criador.

A imploração da misericórdia se resumia no apelo à salvação e a insistência as súplicas aos santos. A oração correspondia ao pedido de salvação e misericórdia pelos atos cometidos na terra, ou pelas tentações que levaram o homem a cometer determinadas ações, não correspondidas aos ensinamentos deixados por Deus. Para Boaventura, não poderia esquecer, também, de agradecer aos anjos que guardam as pessoas dos perigos e dos maus comportamentos que poderiam ser cometidos.

A terceira seria o culto a Deus, mostrando a adoração pelas graças recebidas. O homem devia saber curvar-se diante do Senhor e se comunicar com adoração, mostrando sua devoção e seus agradecimentos. Logo, a casa de Deus, para Boaventura, era o melhor lugar para se

fazer a oração, levando em conta que o corpo deveria estar preparado por meio da meditação, pois, somente nessa seqüência seria possível adorar Deus com devida veemência.

Boaventura entendia que Deus era o único que tinha direitos sobre tudo que criou e que, assim, ele estava acima de tudo que fosse imaginável ou compreensível aos olhos humanos. Deus criou o homem e também deu à ele a possibilidade de entender todas as coisas. Bastaria que os seres humanos soubessem fazer uso da inteligência, que era explicada por Boaventura como a criação mais próxima do Criador. O intelecto era o que favorecia a compreensão da própria existência e do seu Criador.

Mesquita Pimentel na apresentação sobre a vida de São Boaventura em *Obras Escolhidas* afirma que esse autor via a inteligência como o início e o fim da caminhada dos homens na terra, pois ela permitia o discernimento dos pecados cometidos, o perdão e a promessa de Deus, pelos seus Ensinamentos, da vida eterna.

A inteligência nos permite conhecer com clareza os pecados que cometemos, os benefícios que recebemos, e a bem-aventurança que nos foi prometida: o que resulta na iluminação da alma. Enfim o dom da sapiência nos desprende do amor das criaturas, nos enche de admiração pelo amor de Deus, e nos faz desejar e amar a Deus acima de todas as coisas e com todas as forças, pelo que obtém a perfeição da alma (MESQUITA PIMENTAL, Introdução, p. XXXIX).

A iluminação da alma era o resultado da meditação, seguida da oração e que resultava na contemplação, ou seja, após o agradecimento por meio da oração, com a alma pronta para receber os ensinamentos de Deus e se aproximar da sapiência, era possível contemplar e entender que isso só era permitido pelo Criador.

Segundo Boaventura, para a contemplação ainda era necessário adquirir a tranqüilidade, conhecer a verdade e a caridade. Esses eram bens inigualáveis para a bem-aventurança, porém, para se chegar a esses três bens era preciso subir os degraus da vida espiritual que pregavam a expulsão dos pecados da alma, a imitação de Cristo e a união com Deus.

Da vida purgativa que se destinava a conduzir a alma para uma tranqüilidade, Boaventura dividia em sete degraus. O primeiro era o rubor que o ser humano sentia quando lembrava dos seus pecados, como sinal de vergonha e que, com isso, já favorecia a um arrependimento dos seus maus comportamentos e ações.

O segundo degrau era o do temor que o indivíduo sentia pela condenação da sua alma, quando suas ações não correspondiam aos ensinamentos de Deus. O terceiro era a confiança depositada por Deus a sua criação e traído pelos comportamentos não correspondidos as suas Palavras.

O quarto era o pedido de socorro ao Senhor e aos santos para proteção. O quinto era o rigor, pelo qual se possibilitava domar a preguiça, a malícia, a sensualidade e o orgulho. O sexto degrau era o fervor de que os homens tinham a intenção de receber o perdão por suas atitudes e tentações na terra. O último e sétimo degrau era o sono da tranqüilidade, ou seja, depois de conseguir subir todos os degraus propostos por Boaventura, era o momento do descanso, da paz que Deus dava àqueles que tinham desenvolvido a inteligência e conseguido alcançar a vida eterna.

Todas as explicações de Boaventura estão pautadas na Bíblia e esse autor cita inúmeras vezes, no decorrer de suas discussões, nomes bíblicos que justificam e fundamentam as suas palavras. O sétimo degrau, por exemplo, ele utilizou versículos de dois Salmos, nos quais Deus é colocado como o caminho da salvação e proteção.

Guarda-me como a pupila dos olhos,
esconde-me à sombra de tuas asas,
longe dos ímpios que me oprimem,
dos inimigos mortais que me cercam (SALMO 16, 8-9, p.876-877).
[...]
Habitarei em tua tenda para sempre,
abrigar-me ao amparo de tuas asas,
pois tu, ó Deus, atendes aos meus votos,
e me dás a herança dos que temem o teu nome (SALMO 60, 5-6, p.925)

Esses Salmos colocam a necessidade humana de se proteger contra o mal e de ter Deus como o abrigo eterno. Boaventura analisava que os indivíduos que seguissem o caminho que o Criador deixou para ser seguido, conforme os seus mandamentos, conseguiriam a proteção do Senhor na terra e após a morte estarem ao seu lado para sempre.

Boaventura compreendia o seu momento e as alterações que estavam acontecendo com os comportamentos dos homens, pois as mudanças estavam voltadas para um novo conhecer de mundo e de circulação. Os interesses centravam-se na comercialização, que propagava divergentes interesses daqueles propostos pela Igreja. Devido ao comércio, a sociedade do momento visualizava uma vida com um pouco mais de conforto, de vaidade, de riqueza e de outros conhecimentos. Logo, para Boaventura, esses novos sentimentos que estavam aflorando, se não fossem conduzidos pelas Sagradas Escrituras, levariam os homens a praticarem ações de egoísmo, de ganância, de perfídia, de individualidade dentre outras que se destacariam conforme o distanciamento dos Ensinamentos Sagrados.

Nesse sentido, podemos considerar que a importância do pensamento de Boaventura foi, na sua época, significativo para as alterações educacionais que estavam acontecendo, pois, ele apresentou as Sagradas Escrituras como a principal via de conhecimento e de direcionamento

na vida dos homens. Ele visualizou as mudanças e colocou na ordem do dia a necessidade da preocupação com a sociedade de modo geral, ou seja, dos indivíduos se preocuparem com os outros, propagarem sentimentos de caridade, de solidariedade, de amor e de união com as pessoas.

As regras postas por São Francisco prevaleciam nos ensinamentos de Boaventura, assim como, pautado nas regras franciscanas, Boaventura as fundamenta de maneira singular com as Sagradas Escrituras. Singular, porque ele justifica toda discussão com base nas passagens bíblicas e afirma as suas análises comprovadas pelas palavras deixadas por Deus. Etienne Gilson trata sobre essa questão da seguinte forma,

O pensamento de Boaventura é totalmente “trinitário”. Em toda a parte vê reluzir vestígios e imagens da SS. Trindade, graças à estrutura trinitária que Deus imprimiu ao mundo. Por isso a essência profunda da criatura só nos é acessível à luz do exemplarismo, ou da relação analógica entre Deus e sua criação (GILSON. História da Filosofia cristã, 1970, p.434)

De acordo com Gilson, o pensamento de Boaventura era totalmente explicado pela Trindade, pois, se Deus criou o mundo e todas as coisas, logo tudo se explicaria pelo próprio Criador. Assim, por meio das Palavras Sagradas se chegaria a conclusão das dúvidas que pairavam a respeito da criação do próprio ser humano e das coisas que o cercavam. Porém, para esse entendimento era necessário que o intelecto estivesse desenvolvido e soubesse interpretar e seguir os Divinos Mandamentos.

São Boaventura exemplifica a importância da sapiência asseverando que Cristo, como filho de Deus, foi o mais sábio dos homens, porque soube demonstrar os seus sentimentos de amor, piedade e misericórdia a todos os homens. Sofreu por todos e voltou aos braços do Pai Criador. Desse modo, segundo Boaventura, não existia nenhuma melhor referência do que a de Cristo na terra, pois ele seguiu os ensinamentos do Pai, mostrou os caminhos que deveriam ser seguidos e conseguiu a vida eterna.

[...] considera a quantidade dos seus sofrimentos e, pelo desejo de imitá-lo, abraça a sua cruz. Ele foi acorrentado para que a sua onipotência parecesse impotente; foi insultado para que a bondade se tornasse desprezada; foi motejado como um demente, para que sua sapiência parecesse insensatez; foi suplicado, para que a justiça se mascarasse de iniquidade. Assim, tu, para seguir o seu exemplo, deseja o suplício da cruz: injustiça no que receberes, ultraje no que ouvires, desprezo no que vires, tormento no que padeceres.

[...]

A sua sapiência frustrou a sagacidade do demônio, a suma justiça recebeu o preço da nossa redenção, a sua suma misericórdia entregou seu Filho para nos salvar (BOAVENTURA, Os três caminhos...cap.III, § , p.249).

Os questionamentos postos por Boaventura buscavam responder às questões vigentes no seu momento, ou seja, explicar o mundo pela criação divina e, ao mesmo tempo, o autor tentava mostrar que os homens, ainda que procurando outra explicação para as suas ações e comportamentos, não deveriam, nunca, deixar de crer no Criador de tudo e de todos. Para isso, era necessário que os indivíduos desenvolvessem a inteligência e aprendessem por meio de interpretações e ensinamentos, principalmente dentro das universidades, com os mestres, e que as dúvidas poderiam ser sanadas a partir das palavras que Deus deixou na Bíblia.

O autor tenta mostrar que as dúvidas poderiam ser respondidas se houvesse uma interpretação da existência humana e das dificuldades que a permeava fundamentada nos ensinamentos daquele que tudo criou.

Nesse sentido, procuramos apresentar, por meio deste estudo, que os ensinamentos fornecidos por Boaventura, no final do século XIII, revelaram a preocupação de explicar as dificuldades do seu momento e que o seu pensamento procurou estabelecer um novo conhecimento. Com isso, acreditamos que os seus debates, dentro da Universidade Parisiense, tenham influenciado aos indivíduos buscarem um novo entendimento sobre o mundo e, conseqüentemente, tenham sofrido alterações no processo educacional da época.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Salmos*. São Paulo: Paulus, 2002.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Os três caminhos da vida espiritual, ou incêndio do amor*. Trad. de Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Brevilóquio*. Trad. Luis Alberto De Boni. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: desde a origem até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais da Idade Média*. Trad. Margarida Sérvulo Correia. Santelmo Coop. De Artes Gráficas, 1984.

MESQUITA PIMENTEL, Alberto. Introdução. In: BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Escritos Filosóficos-Teológicos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.